

## Herói de BD Gaston Lagaffe faz hoje 50 anos

PÚBLICO 28 de Fevereiro de 2007

Por Carlos Pessoa



### O que pensam os críticos

1 – Qual é a importância da série no quadro da BD franco-belga?

2 – Meio século depois do aparecimento da série, qual é o seu legado, de um ponto de vista formal e temático? O aparecimento de Lagaffe inflectiu de alguma forma o rumo da BD franco-belga ao ponto de poder falar-se de um “antes” e um “depois” de Gaston Lagaffe?

3 – Que herói ou série podemos, hoje, considerar como herdeira das características mais essenciais de Lagaffe?

## **Leonardo de Sá**

“O mundo seria mais tristonho se Gaston não existisse”

**1** – Sobretudo o facto de ter introduzido com sucesso o conceito do anti-herói por excelência. Os *gags* do super-mandrião Gaston Lagaffe tornaram-se clássicos instantâneos na revista *Spirou* e depois nos álbuns, pelo humor desopilante, pela impossível inventiva do protagonista, pela culinária extravagante, pelas *in-jokes* à própria redacção do jornal *Spirou* e às edições Dupuis... Algumas expressões passaram mesmo para a língua francesa, em utilização corrente, como o célebre *M'enfin!* de Gaston ou o grito de desespero *Rognnntudju!* de Prunelle.

**2** – Os argumentos e o desenho de Franquin facilitaram o aparecimento de novas formas de humor gráfico, *nonsense* e exacerbado, tanto na Bélgica como na França. De certa forma, são seus herdeiros autores como Gotlib, Mandrika ou Bretécher, a geração de *L'Écho des Savanes* ou de *Fluide Glacial* e outras revistas e séries que se seguiram. O mundo seria mais tristonho se Gaston Lagaffe não existisse. Sem a inestimável contribuição de Franquin nessa série não teríamos nunca encontrado a receita do bacalhau com morangos...

**3** – No que toca às séries mais conhecidas, julgo que se pode encontrar muitas similitudes no Titeuf do suíço Zep. Mas a bem dizer não há resposta concreta, o talento de Franquin era verdadeiramente único.

(Investigador de BD)

## **Laurent Mélikian**

“O aspecto mais notável de Lagaffe é o fenómeno de sociedade associado”

**1** – Eu diria que Gaston Lagaffe marcou sobretudo o conjunto da sociedade. É o primeiro anti-herói da banda desenhada popular. Com ele chegou o direito à preguiça, a recusa do trabalho embrutecedor, etc. Pode dizer-se que Gaston, que é conhecido por todos os franceses (e belgas, claro), foi uma das obras que prepararam o terreno de Maio de 68. Foi publicado no *Spirou* que era, no princípio, a revista da juventude católica operária. Diz-se que teve como modelo Yvan Delporte, chefe de redacção e agitador da redacção do *Spirou*. Com ele chega um herói para a juventude que pode trocar de si próprio e do seu trabalho, e como o seu trabalho é a redacção da revista, tudo é permitido.

Parece-me que o aspecto mais notável de Lagaffe é o fenómeno de sociedade que lhe está associado. Por exemplo, a expressão *M'enfin* (contração de *mais* e *enfin*) que aparece na boca de Gaston entrou hoje no vocabulário corrente. Mostra até que ponto a personagem impregna o imaginário colectivo!

2 – Sim, há um antes e um depois de Gaston. Graficamente também, pois o estilo extravagante e o traço fino e solto rompem com a tradição da escola de Hergé (a chamada Escola de Bruxelas, numa referência à revista *Tintin*) e levam a Escola de Marcinelle (da revista *Spirou*, com Lucky Luke, Valhardi, Tif e Tondu, e *Spirou*) para uma nova dimensão mais solta e muito mais engraçada.

3 – O primeiro herói que me vem à cabeça é Pierre Tombal – um herói coveiro – de Cauvin e Hardy ([http://hardymarc.com/pierre\\_tombal.htm](http://hardymarc.com/pierre_tombal.htm)). Mas claro que não é o único, pois numerosos heróis, profissões (polícias, garagistas, médicos...) e fazedores de gafes invadiram a BD franco-belga. Essa é mesmo uma das especialidades de Raoul Cauvin. Há também o enorme sucesso de Joe Bar Team (<http://www.joe-bar-team.com/>), a versão Gaston dos *motards*. O seu criador, Fane, reconheceu sempre a sua filiação em Franquin. Numa vertente mais niilista, há também a série Rats, de Ptiluc (<http://www.ptiluc.com/>), que deve muito aos conselhos de Franquin...

(Jornalista e crítico de BD na revista *L'Echo des Savanes*)

### **Didier Pasamonik**

“O estilo de Franquin é um monumento de virtuosismo reconhecido”

1 – Gaston é a primeira obra verdadeiramente pessoal de Franquin, na qual investe por inteiro (tinha começado com *Spirou*, que não criara, e “testou” a sua independência em *Modeste & Pompon* durante cinco anos antes de se voltar exclusivamente para *Spirou*).

Gaston é um verdadeiro anti-herói porque é um “herói sem emprego”, isto é, sem papel (este termo não tem nada a ver com o do trabalho). No entanto, foi-lhe enviada um documento comprovativo da contratação, o que obrigou Fantásio a render-se à evidência. Para que função? É lógico: a de herói de banda desenhada! “Um herói sem emprego!”, vociferava imediatamente Fantásio.

O artista das gafes vai explorar este vazio na definição do seu cargo. Face aos seus chefes directos (Fantásio e, a seguir, Léon Prunelle), Gaston vai multiplicar as provocações, introduzindo no escritório coisas que não deviam encontrar-se ali: instrumentos de música, animais, uma divertida panóplia química, um enxame de abelhas, alteres, um Gaston insuflável, robôs, uma cama portátil... para já não falar nas suas invenções! Ou seja, uma série de conquistas irreversíveis, Sobretudo, Gaston introduziu na série uma extraordinária desordem (uma bagunça, diz Franquin) que, ao longo dos *gags*, se tornou a sua melhor protecção, No dia em que o chefe quis despedi-lo, os leitores exigiram a respectiva reintegração. Ele tinha-se tornado inamovível! As vendas em França de cada novidade ultrapassaram o milhão de álbuns.

**2** – O estilo de Franquin, herdeiro de Disney, é um monumento de virtuosismo mundialmente reconhecido.

Muito tempo antes de falecer, Franquin era venerado pelos seus pares. Hergé colocava-o entre os maiores. O seu editor da revista *Tintin*, Raymond Leblanc, apresentava-o nos banquetes gritando: “Meus senhores, eis Franquin, o génio!” A nova geração plebiscita-o: “Franquin é o patrão!”, exclamou Margerin, autor de Lucien; “Ajoelhei-me à sua frente e beijei-lhe o anel”, disse Philippe Geluck, o pai da série Le Chat; quanto a Batem, actual desenhador do Marsupilami e cujo estilo é muito parecido com o do criador de Gaston, declara trabalhar “na luz” do mestre. Franquin fez parte do Hall of Fame dos Prémios Eisner e foi o primeiro Grande Prémio de Angoulême. Foi também o primeiro a dar o seu nome a um edifício em Angoulême (Espace Franquin). Muitos jovens desenhadores ainda hoje se inspiram nele. É um dos “modelos” da escola franco-belga com Hergé, Jacobs ou Morris.

Tematicamente, Gaston é a crítica do sector terciário que, em 1957, começava a assumir importância. Gerações de “funcionários” reconheceram-se naquele escritório. Apesar da ausência de telemóveis e de computadores, os seus temas continuam a ser hoje muito modernos. É uma obra totalmente moderna no sentido em que é ao mesmo tempo uma obra-prima da BD e uma reflexão sobre os *media* devido ao seu próprio tema: a crónica da redacção de uma revista para a juventude.

**3** – Pode dizer-se que toda a banda desenhada de humor é herdeira das características de Gaston. Franquin mostrou que o humor não estava apenas no argumento; estava também nos desenhos. Titeuf é directamente influenciado pelo seu humor “politicamente incorrecto”. Há numerosos “fabricantes de *gags*” na BD actual: Titeuf, Jack Palmer, Les Bidochon, Lanfeust...

Recentemente, no quadro da campanha eleitoral francesa, na sequência da “gafe nuclear” do Presidente Chirac sobre o Irão, Paul Quinio escrevia no *Libération*: “Após Bécassine Royal, Astérix Bové e Sarkozy Iznogoud, eis Chirac Lagaffe”.

(Crítico de BD e chefe de redacção do *site ActuaBD*)